

QUEIMADAS

PERIGO ULTRAPASSA AS CHAMAS NA LINHA DE COMBATE AO FOGO

Por missão ou conexão com a comunidade, bombeiros e brigadistas enfrentam fumaça, calor e fadiga na guerra contra os incêndios em Minas. E ainda tropeçam em riscos ocultos na mata

MATEUS PARREIRAS

O olhar fixo nas chamas analisa caminhos pelo matagal para enfrentar o fogo, mas procura também rotas para escapar de um dos maiores temores de quem combate incêndios florestais: os ventos voltando as labaredas contra os combatentes. Enquanto faz o raciocínio estratégico, o deslocamento por trilhas espremidas carregando 30 quilos de equipamentos e água segue aos tropeços e escorregões. Até que um impacto na perna lembra ao militar de outros perigos que esperam o combate aos incêndios por bombeiros e brigadistas.

"Estava passando e a serpente deu um bote na minha perna. Como estava com o roupa (uniforme de combate a incêndio com tecido grosso e resistente a chamas), acabei não sendo ofendido. A gente sempre tem esses encontros-surpresa com animais peçonhentos", relata o sargento Diogo dos Santos Ramos de Carvalho, de 43 anos, do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG), destacado em diversos incêndios nesta intensa temporada de 2024, como no Parque Estadual da Serra do Rola-Moça e na Serra da Moeda.



CBMG/Divulgação

BOMBEIROS E BRIGADISTAS EM COMBATE A INCÊNDIO FLORESTAL NA SERRA DA MOEDA, EM BRUMADINHO: DESDE JANEIRO, ESTADO JÁ REGISTROU 9.337 FOCOS

Na mata fechada, até o ruído dos sopradores a gasolina – equipamento que lança ar no fogo – acaba abafado. O som que predomina é o crepitar da queima da vegetação. O mato se transforma em uma paisagem homogênea de montes de cinzas fumegantes entre árvores, bambus e cipós, que perdem profundidade à medida que a copa das árvores retém a fumaça na altura dos caules. Morro abaixo, se equilibrando, o brigadista Gustavo Athayde, de 41, persegue uma linha de fogo, golpeando-a de cima para baixo com o abafador. Num momento de respiro, se vê sozinho.

"Olhei à minha volta e tudo parecia exatamente igual, sem referências. Não sabia mais onde estava. Se perder é muito fácil, por isso, é preciso ter consciência de onde estamos e como retornar. Acabei achando

meu caminho. Mas, de repente, meu pé afundou nas cinzas e por pouco não me feri. Um buraco de tatu estava embaixo da camada de dois palmos de cinzas. Machucar o pé poderia ser uma dolorosa retirada", afirma o integrante da Brigada Apas (Associação de Preservação Ambiental e Social de Rio Acima e Itabrito).

As dificuldades são iguais, mas as motivações que levam esses dois combatentes a arriscar suas vidas lutando contra o fogo nos incêndios que devastam Minas Gerais são diferentes. Enquanto o bombeiro militar segue a sua missão, sendo designado para áreas diferentes e por vezes desconhecidas, o brigadista guarda uma conexão com a região onde mora e faz parte da comunidade, além de, como no caso de Athayde, ser um voluntário. Ambos imersos em uma guerra contra

o fogo, que de janeiro a 22 de setembro já se espalhou em 9.337 focos de incêndios, o sétimo pior índice do Brasil. O número é 132% superior ao mesmo período de 2023, quando foram registrados 4.010, segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Nos dois dias seguintes, o número chegou a 9.508.

Nos fundos, em uma parte mais alta do seu terreno, Gustavo Athayde foi um dos primeiros a ver uma coluna de fumaça rompendo o verde das copas das árvores da Serra do Cipavari, nas bordas do Parque Nacional da Serra do Gandarela, atrás da Serra do Caracá. Contudo, se tratava de uma área onde se mesclam exemplares dos biomas de Mata Atlântica e Campos Rupestres nas partes mais altas, que não enfrentava um incêndio há décadas.



BRIGADISTAS CAMINHAM NA DIREÇÃO DA VEGETAÇÃO EM CHAMAS NA SERRA DO CIPAVARI: BAIXA VISIBILIDADE E CALOR INTENSO DIFICULTAM O ACESSO

"Estava passando e a serpente deu um bote na minha perna. Como estava com o roupa (uniforme de combate a incêndio com tecido grosso e resistente a chamas), acabei não sendo ofendido. A gente sempre tem esses encontros-surpresa com animais peçonhentos", relata o sargento Diogo dos Santos Ramos de Carvalho, de 43 anos, do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG), destacado em diversos incêndios nesta intensa temporada de 2024, como no Parque Estadual da Serra do Rola-Moça e na Serra da Moeda.



GUSTAVO ATHAYDE FALA AO RÁDIO DURANTE AÇÃO PARA CONTROLAR QUEIMADA

DIREÇÃO DOS VENTOS Devido às condições climáticas, os ventos podem mudar a direção do fogo, tornando o combate mais perigoso. Os brigadistas precisam estar atentos às mudanças na direção do fogo e se deslocar rapidamente para evitar ser atingido.

"Estava passando e a serpente deu um bote na minha perna. Como estava com o roupa (uniforme de combate a incêndio com tecido grosso e resistente a chamas), acabei não sendo ofendido. A gente sempre tem esses encontros-surpresa com animais peçonhentos"
Diogo dos Santos Ramos de Carvalho
Sargento do CBMMG

"Grande quantidade de matéria orgânica no solo gerou um labaredas altas e a fumaça chegou. É difícil enxergar. É difícil respirar"
Gustavo Athayde
Integrante da Brigada Apas

incêndios florestais desde o início do século XX. Segundo o IBAMA, os incêndios florestais são responsáveis por 80% das extinções de espécies de plantas e animais no Brasil. A perda de biodiversidade é uma das principais consequências dos incêndios florestais. Além disso, os incêndios florestais também contribuem para o aquecimento global, liberando grandes quantidades de dióxido de carbono na atmosfera.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 34 e 35